

Desafio é identificar soluções para manter jovens motivados

Rachel Cardoso

Taboão da Serra, município da Região Metropolitana de São Paulo, atraiu atenção internacional pelos resultados alcançados num dos pontos mais frágeis da sociedade brasileira: a educação. Medidas simples, como aproximar os professores da realidade doméstica de seus alunos, se traduziram em números expressivos. Um sinal disso pode ser observado na redução de cerca de 40% da evasão escolar, eterna vilã do ensino nacional. Não à toa, programas implantados por lá, entre os quais o Interação Família Escola, serviram de modelo para Sundbyberg, na Suécia.

Em Santa Rita do Sapucaí, Minas Gerais, notadamente na Escola Estadual Doutor Luiz Pinto de Almeida, a evasão foi zerada ano passado. Também não foi o único feito resultante de um vasto processo de transformação, que ao levar a comunidade para a escola e vice-versa, conseguiu promover o acesso ao ensino profissionalizante, um importante suporte para a economia local. Embora não exista uma solução única para coibir a desistência, bem mais acentuada no ensino médio, as experiências citadas mostram a diferença que motivar o aprendizado pode fazer na prática.

A pesquisa "Motivos da Evasão Escolar" do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (FGV-RJ) comprova que o desinteresse pelo conteúdo das aulas é a principal causa do abandono para 40% dos jovens entre 15 e 17 anos que deixam a escola. A necessidade de trabalhar aparece em segundo lugar, com 27% das respostas. Em seguida vem a dificuldade de acesso à escola, com 10,9%. "Para vencer essa batalha é preciso convencer pais e filhos de que estudar vale à pena", diz o economista Marcelo Neri, coordenador do estudo.

Segundo o economista, a taxa de retorno social é alta, embora de longo prazo. "Existem melhoras comprovadas na saúde, observadas a partir de maiores investimentos no ensino e na renda associada", relata o estudo, que explica as causas da evasão a partir de três tipos básicos de motivação.

O primeiro deles é o desconhecimento dos gestores da política pública, restringindo a oferta de serviços educacionais. Outro é a falta de interesse intrínseco dos pais e dos alunos sobre a educação ofertada, seja pela baixa qualidade percebida ou por desconhecimento dos seus impactos sociais. Uma terceira é a operação de restrições de renda e do mercado de crédito que impedem as pessoas de explorar os altos retornos oferecidos pela educação no longo prazo.

Segundo Neri, não basta garantir acesso e criar programas de transferência de renda para amenizar o grave problema que atinge quase 20% de toda a população entre 15 e 17 anos. "A escola precisa ser mais cativante", diz. "E a motivação precisa ser criada a partir de um olhar pelo lado da demanda."

A ampliação dos condicionantes de aprendizagem envolve de fato o conhecimento de experiências que vão além da teoria. Daí a necessidade de trabalhar fatores externos e internos no combate à evasão. "O jovem não vê perspectiva na escola", diz a professora de psicologia Sílvia Collelo, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). "O mercado de trabalho é muito mais atraente em determinado momento da vida porque dá aquela falsa sensação de estabilidade."

Segundo a professora, os valores são deturpados pela própria sociedade para a qual ter é melhor que saber. Por isso, o emprego ainda é tido pela maioria das famílias como fator de qualificação pessoal e realização. Em contrapartida, os valores educacionais pouco são exaltados. "A estratégia de aproximar da família da escola é interessante porque pode provocar reflexões que alterem esse quadro."

A precária infraestrutura escolar é outro fator desestimulante. "Da maneira que funciona atualmente torna-se um mecanismo de expulsão", afirma. "Na maioria dos casos não existe

diálogo com a realidade desse jovem para que ele entenda onde está, o que está fazendo e o mais importante, onde pode chegar."

A opinião é compartilhada pelo professor José Marcelino de Rezende Pinto, especialista em políticas educacionais da Universidade de São Paulo (USP). Ele ainda destaca que o nó da evasão só pode ser desatado com uma série de medidas conjuntas, que vão além da gestão e envolvem o financiamento. No pacote está ainda o alto índice de repetência. "Tratam do problema como se a culpa fosse do aluno e não do meio porque ainda impera a mentalidade de que a nossa escola não é para todo mundo", diz. "A instituição não lida bem com os alunos que não conseguem se adequar ao seu modelo e é um modelo que faz pouco sentido para o jovem."

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 3 fev. 2010, Educação, p. 11.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais